

TEMAS DE ÉTICA Reflexões e Desafios

Apresentação da obra

de A. BAGÃO FÉLIX, PAULO OTERO, PEDRO AFONSO E VICTOR GIL

J.M. Pereira de Almeida
16/11/2022

Certamente muitos conhecemos aquele brinde de Godfrey H. Hardy (1877-1942), no ambiente acadêmico de Cambridge, quando, levantando a sua taça, exclamou: “À matemática pura, para que nunca encontre aplicação”¹.

No que à ética diz respeito, encontramos-nos em sentido contrário. Esta obra, coordenada por António Bagão Félix, Paulo Otero, Pedro Afonso e Victor Gil, *Temas de ética. Reflexões e desafios* é bem a prova de que a ética tem sempre aplicação. Melhor: que fora das circunstâncias concretas não há lugar para a reflexão ética. Não há ética nas nuvens, sem os pés bem assentes na terra.

Os coordenadores da obra chamam-nos a atenção, quer na Introdução (pp. 7-9), quer na Nota Final (pp. 259-260), para a escassez de tempo com que nos debatemos. Precisamos de tempo para «parar» (p. 260), tempo «para pensar» (p. 99). E «precisamos de silêncio» (p. 260). Precisamos de «ouvir» (p. 260).

Por isso, afirmam, este é «um livro contra a corrente dominante» (p. 9), que é sempre, como sabemos, a corrente daqueles que nos dominam.

Considero, por isso, que, nas «14 áreas temáticas transversais» (p. 7), é fácil reconhecer a centralidade do “discernimento”, de uma *ética do discernimento*, usando a expressão que Tony Mifsud, sj (1950-2022), recentemente falecido, utiliza para título da sua obra maior.

Como, aliás, o Papa Francisco no-lo apresenta também, retomando a tradição moral católica que, infelizmente, tínhamos como que esquecido...

Quando dizemos “discernimento”, falamos do discernimento do bem nas condições em que vivemos.

Não existe o bem ideal. Se há um equívoco na Teologia Moral (falo a partir da área da minha especialidade), é pensar que *o bem* é “o bem ideal”.

Um “bem ideal” não me ajudaria a perceber qual é o bem concretamente possível, aqui e agora.

O bem, o único bem é o bem *nas* circunstâncias. Nas circunstâncias externas em que vivemos

¹ Cf. J.M. PEREIRA DE ALMEIDA, «As desigualdades sociais fazem mal à saúde», *Communio* 31 (2014) 2, 143.

(históricas, culturais, ...) e nas circunstâncias interiores de cada um de nós (dificuldades, mudanças, ...).

É que não chega apreciarmos, diria, a partir de fora, os valores presentes. Claro que os valores vividos pelas pessoas contam. Mas não chegam. É preciso darmos atenção às circunstâncias para realizarmos o bem concretamente possível nessas circunstâncias.

Na *Amoris laetitia*, o Papa Francisco, ao falar do ambiente eclesial (digo eclesial; não eclesiástico!) reconhece que «nos custa deixar espaço à consciência dos fiéis que, muitas vezes, respondem o melhor que podem ao Evangelho no meio dos seus limites e são capazes de realizar o seu próprio discernimento perante situações onde se rompem todos os esquemas». “Situações onde se rompem todos os esquemas” ... E acrescenta: «Somos chamados a formar as consciências, não a pretender substituí-las» (AL, 37).

Esta obra corresponde a uma ajuda à compreensão de diversas situações concretas em que a dimensão ética está em jogo. Não para que façamos como dizem os seus autores; mas para que, compreendendo melhor o que está em jogo, possamos decidir *livre e responsavelmente* o que, nas circunstâncias concretas em que nos encontramos, percebemos ser o *bem concretamente possível* para cada um de nós.

Facilmente nos damos conta de que muitos dos subtítulos dos capítulos deste livro são perguntas. Às quais se seguem respostas. Mas, talvez, as perguntas formuladas pelos autores sejam ainda mais importantes que as respostas que os diversos autores propõem à nossa consideração. Talvez eles esperem – cada um deles, imagino – que os seus leitores possam encontrar outras respostas para as questões que apresentam. E, assim, de questão em questão, possamos fazer caminho. Como os organizadores sublinham no final da sua Introdução (p. 9). Caminhando. Interrogando-nos sobre o sentido das coisas (*sentido* enquanto “significado” e sentido como “percurso”). «Nos textos – afirmam eles – encontramos raízes, âncoras, mas também arados. Mais do que ler, desafiamos os leitores a viver este livro» (p. 260).

* * *
* * * * *

Na pág. 15, José Manuel Moreira e André Azevedo Alves, falam-nos de “ética” e de “cosmética”. Uma vez também me vi a braços com um equívoco em que, na conversa, o meu interlocutor confundia ética com “etiqueta” (um diminutivo, vá...).

Pedro Vaz Patto, actual presidente da Comissão Nacional Justiça e Paz, trata da ética e da defesa da vida. Começa por afirmar que «a vida é, para qualquer pessoa, o primeiro dos bens terrenos, sem o qual não existe nenhum outro desses bens terrenos» (p. 33). Nós afirmamos, habitualmente, que a vida humana é um bem fundamental não arbitrariamente disponível.

Então que dizer dos problemas do aborto e da eutanásia?

O quadro dos dados e das estatísticas publicadas nestes anos sobre estas matérias não apresenta questões novas. Confirma a seriedade e a vastidão dos problemas. Parece até confirmar que estes problemas se colocam hoje de modo muito ligado com a mentalidade do mundo mais “desenvolvido”.

A Igreja já se pronunciou com clareza sobre a vida humana antes do nascimento, sobre o aborto, sobre a eutanásia. Vale a pena considerar as causas que levam a que as suas intervenções não pareçam ter obtido o êxito esperado. É uma questão certamente complexa. Uma reflexão sobre o valor da vida humana nas culturas contemporâneas, sobre a cultura do *útil* que contrasta com uma cultura do *bem*, o facto de no centro das escolhas e como último critério para si se encontrar o que é “seu” e aquilo que com ele se liga (os direitos individuais), pode dar algumas achegas.

Acontece que, neste cenário, se declara como “inelutável” o combate ao aborto, à fome ou as mil formas que pode tomar o sofrimento no mundo: trata-se sempre de defender a própria vida, os projectos pessoais contra os obstáculos que se lhe opõem. De facto, os critérios objectivos da hierarquia e da urgência de valores deixam de ter sentido numa perspectiva individualista, como sublinha Pedro Afonso ao falar da vida familiar (cf. pp. 69-90): «sem o outro talvez eu possa sobreviver, mas não poderei viver humanamente» (p. 70).

O lugar originário da moralidade é este “pessoal encontro com o outro” que Isabel Almeida e Brito aborda ao falar de educação: «educar é obedecer ao que Deus faz no outro» (p. 57); e que Filipe Almeida, a partir da vida de médico, aponta, ao reflectir sobre o sofrimento: «o profissional de saúde procura *abrir* estradas que lhe permitam ir ao encontro do doente, *rasgar* espaços (leia-se autoestradas!) de comunicação que lhe permitam aproximar-se do doente» (p. 105). E cita Daniel Faria: «Não acredito que cada um tenha o seu lugar. Acredito que cada um é lugar para os outros» (p. 105).

Esta atitude de *escuta* por ele sublinhada (p. 105) vem também apresentada por Marta Lince Faria e Margarida Góis Moreira, quando falam da importância do diálogo e da amizade no que à sociabilidade diz respeito.

Virá, certamente, a propósito recordar a declaração assinada, a 4 de fevereiro de 2019, pelo Papa Francisco e pelo Grande-Imã Al-Tayyeb, em Abu-Dhabi: Fraternidade humana. Em prol da Paz Mundial e da Convivência Comum.

Se a importância do *diálogo* tinha vindo a ser afirmada depois do Concílio Vaticano II, logo com S. Paulo VI, mas também com S. João Paulo II e com Bento XVI, é na *Fratelli tutti* que ela ganha foros de magistério, ligando o “diálogo” à “amizade social” (cf. cap. VI).

Estas considerações estabelecem facilmente uma ponte para a política, tema tratado por Maria do Céu Patrão Neves, actual presidente do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida, que conclui o seu capítulo afirmando que «o político tem mais poder que o cidadão [comum], mas é um poder que não lhe pertence e lhe é confiado para que o exerça em benefício de todos. Este é o sentido mais nobre da política, numa convergência, numa simbiose mesmo entre ética e política. A política exercida eticamente é serviço [...]» (p. 144). Ao recordar como, na tradição do pensamento social cristão, a política é entendida como a forma mais alta de caridade², permitam-me citar do n. 231 da *Laudato si'*: «o amor social impele-nos a pensar em grandes estratégias que detenham eficazmente a degradação ambiental e incentivem uma cultura do cuidado».

É esta dimensão que está presente no capítulo seguinte em que João César das Neves reflecte sobre a «ética na gestão da riqueza e dos bens materiais». A reflexão ética não pode substituir a reflexão económica nem pode, só por si, levar a conclusões técnicas de natureza económica. Mas permite dar-mos conta de que as exigências “técnicas” acerca das instituições e das estruturas económicas nunca são só questões técnicas. São estruturas de relações humanas. Nenhuma estrutura é, por isso, neutra porque nela está presente a intencionalidade de quem a traz à existência e de quem a faz viver. A instância crítica da ética explicita-se na questão acerca do *autenticamente humano* que uma estrutura exprime, facilita, impede ou nega³.

Na ordem dada pelos organizadores a esta obra, segue-se agora o tema do jornalismo e das redes sociais, tratado por Filipe d’Avillez. Sublinha «a importância da escolha». Das escolhas. Escolher significa, afinal, preferir. E sabemos bem o que pode estar em causa nas decisões que tomamos; que, nas decisões mais importantes, nós, ao decidir, decidimo-nos a nós também.

Como é sublinhado por Margarida Machado Gil e Margarida Mateus ao falarem-nos de ética e ambiente, pondo em evidência a necessidade de uma educação ambiental (p. 188), ou, lido à

² «A política é a forma mais alta, maior, da caridade. O amor é político, isto é, social, para todos», FRANCISCO, *Discurso* na Fundação *Scholas Occurrentes*, 20 de maio de 2021.

³ Cf. S. BASTIANEL, *Moralidade pessoal na História. Temas de ética social*, Ed. Cáritas, Lisboa 2013, 110.

minha maneira, a importância da formação das consciências também neste particular âmbito de responsabilidade.

«Ética e desporto». Diz-nos José Carlos Lima que este não é dos temas de conversa mais frequentes quando se fala de desporto (p. 191). Mas a verdade é que os vemos à conversa – alguns dos autores dos capítulos deste livro – sobre áreas semelhantes no *Breve tratado das virtudes desportivas*, obra coordenada por Alexandre Palma e João Eleutério e editada pela Universidade Católica Editora no ano passado.

Com Manuel Monteiro acompanhamos a reflexão sobre relações internacionais, no que à ética diz respeito, seguindo uma linha que vai da *Pacem in terris*, de S. João XXIII, à *Sollicitudo rei socialis*, de S. João Paulo II e à *Laudato si'*, do Papa Francisco, na busca (e cito) de «um mundo melhor» (p. 210).

É a vez, agora, de aprender com Maria Glória Garcia, nossa Reitora de 2012 a 2016, o que nos diz sobre «Ética geracional» em diálogo com vários pensadores, entre eles – como não podia deixar de ser neste tema – Hans Jonas; mas também Zygmunt Bauman e Jean Ladrière. De Hans Jonas recorda, a dado passo, «o imperativo ético que liga as gerações entre si»: age de tal modo «que os efeitos da tua acção sejam compatíveis com uma vida autenticamente humana sobre a terra!» (p. 217).

O décimo quarto e último capítulo desta obra corresponde à questão da *objecção de consciência*; assunto tratado por Paulo Otero. Muito embora as referências iniciais digam respeito à doutrina católica, a sua reflexão situa-se, justamente, nos planos deontológico e jurídico.

Na perspectiva ética, pertence à responsabilidade da consciência, portanto à bondade da pessoa, fazer tudo o que é possível para conhecer efectivamente a situação com que se depara, antes de a poder avaliar e decidir o que fazer. Entra aqui em jogo a virtude da *prudência*, que não é uma coisa para se tirar da gaveta só em certos dias do ano. O que chamamos “discernimento” corresponde à capacidade de resolver mesmo as situações mais complexas (pelo menos, mais complexas que as habituais). Isto significa capacidade de interpretar a experiência já feita, capacidade de ler as possibilidades que existem no presente e de as ordenar tendo em vista um fim.

Para avaliar um bem que é possível realizar ou um mal que é possível evitar, é preciso saber em que direcção se quer ir e ser-se suficientemente hábil no avaliar o que melhor nos ajuda a prosseguir nessa direcção. A pessoa prudente não é só inteligente. A prudência perspicaz pressupõe uma capacidade de “ler dentro” as coisas (inteligência), mas em função de um sentido para a vida, em função de uma moralidade viva, de uma bondade pessoal vivida através

de escolhas concretas. Este discurso ético diz respeito à consciente e livre responsabilidade da pessoa. Como tal é válido para todos; e para todos se apresenta como desafio.

* * *
* * * * *

Martin Buber, numa conferência, contou uma história⁴ que julgo oportuno propor, ao concluir a apresentação desta obra.

Um dia, o comandante da guarda da prisão de S. Petersburgo onde se encontrava o Rabino Shneur Zalman, entrando na sua cela para o levar ao tribunal onde devia comparecer, encontrou-o com uma serenidade tal que lhe fez perceber a qualidade humana do prisioneiro que tinha diante de si. Na conversa que imediatamente iniciou, quis percorrer as mais variadas questões que se lhe levantavam quando lia a Escritura. «Por fim perguntou: Como é que se deve interpretar que Deus, onisciente, diga a Adão: ‘Onde estás?’». O rabino pretendeu assegurar-se da atitude de fé do comandante, perguntando-lhe se acreditava que a Escritura «abraça todos os tempos, todas as gerações e todos os indivíduos». Perante a resposta afirmativa, continuou: «Em cada tempo Deus interpela cada pessoa: ‘Onde estás no mundo? Dos dias e dos anos a ti concedidos já passaram muitos... Entretanto até onde chegaste?’». E acrescentou: «Deus diz, por exemplo: ‘Já estás vivo há quarenta e seis anos. Onde te encontras?’» Ao ouvir o número exacto dos seus anos, «o comandante conteve-se a custo, pôs a mão nas costas do rabino e exclamou: “Muito bem!”; mas o seu coração tremia»⁵.

Ora, eu tinha quarenta e seis anos quando li pela primeira vez esta história.

Quando me digo, digo onde estou.

Onde estou? *Onde* está o meu irmão?

Só posso dizer ‘onde estou’ se souber ‘onde está o meu irmão’. É neste encontro interpessoal que nasce a moralidade. É a partir deste lugar que se torna relevante a reflexão ética.

Muito obrigado!

⁴ M. BUBER, *Il cammino dell'uomo*, Magnano 1998, Ed. Qiqajon.

⁵ *Ibidem*, 17-18.